



Apresentação do dossiê O papel dos algoritmos e das plataformas digitais em contextos sociopolíticos

Foreword to the Dossier The Role of Algorithms and Digital Platforms on Sociopolitical Contexts

Rodrigo Moreno Marques ^a 

Maria Aparecida Moura ^a 

Lorena Tavares de Paula ^a 

Vive-se em um período sócio-histórico demarcado pela intensificação da sobreposição algorítmica no mundo da vida. Tal sobreposição é caracterizada especialmente pela conformação do que Muniz Sodré (2021) denominou *bios virtual*, instância em que se articulam os dispositivos tecnológicos, a convergência midiática, o uso extensivo da inteligência artificial e dos algoritmos que constituem, como tendência, um universo semiótico concentracionário articulado por tecnologias distributivas de conexões ideológicas, com potência para influenciar as deliberações políticas a partir de outras formas de gerir o mundo comum.

Neste contexto, algoritmos podem ser empregados para constituir mediações que estão a serviço da acumulação de riqueza, da dominação simbólica ou da disputa política. Em suma, algoritmos podem assumir a forma de instrumentos de dominação social.

Nesse contexto, observa-se a articulação paulatina da colonialidade algorítmica organizada através de um circuito que se pauta pela coextensividade do agenciamento colonial em dimensões planetárias a partir dos ambientes digitais. O exemplo das redes sociais online, como Facebook, é emblemático. Como os seus opacos algoritmos pertencem e são geridos por empresas de capital aberto, o objetivo primário desses instrumentos é auferir lucros a serem distribuídos para seus acionistas. Portanto, estamos diante um fenômeno que guarda semelhanças com aquele velho tipo de colonialismo (ou imperialismo!) que está a serviço da transferência de riqueza do sul para o norte global. Assim, o capital, que suga a riqueza que produzimos abaixo da linha do equador, também suga a própria vida humana que teima em resistir aqui no hemisfério sul. No entanto, esses novos mecanismos de exploração típicos do século XXI são mais sofisticados do que a exploração que é mediada pela troca de mercadorias tangíveis como pau-brasil, cana, café, ouro, minério de ferro, soja e petróleo.

^a Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

* Correspondência para/Correspondence to: Rodrigo Moreno Marques. E-mail: rodrigomorenomarques@ufmg.br.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

Os algoritmos não são apenas códigos computacionais que estão atualmente a serviço da acumulação capitalista. Eles também têm sido empregados como instrumentos digitais em arenas que já existiam antes da atual sociedade da desinformação: as arenas da disputa semiótica e da guerra simbólica. Os algoritmos, cada vez mais convertidos em mecanismos de dominação sógnica, nos impõem perversas mediações técnicas que selecionam, filtram e bloqueiam conteúdos. Ao confrontar essa sombria realidade do nosso tempo com as promessas idílicas do *Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil* (Takahashi, 2000), percebe-se que, há cerca de 20 anos atrás, acreditava-se em um tipo de idealismo ingênuo que guardava semelhanças com as antigas promessas do iluminismo europeu.

As consequências dessa realidade não poderiam ser mais nefastas. Em primeiro lugar, nota-se, não só no Brasil, mas em diferentes países, que a frágil democracia burguesa tem sido permanentemente ameaçada por grupos que fazem dos algoritmos instrumentos antidemocráticos e golpistas. Armada com bots e exércitos de ciborgues (híbridos algoritmo – ser humano), a indústria da desinformação se expande (Gagnani, 2017), enquanto o poder judiciário brasileiro ensaia algumas incipientes tentativas de colocar limites no caos que emerge na era da pós-verdade. Os resultados já conhecemos: pessoas inocentes acabam sendo cooptadas e também se tornam propagadoras de desinformação, de conteúdo distorcido, de fatos descontextualizados e de discursos de ódio em suas redes íntimas de compartilhamento e reciprocidade. Diante disso, as palavras de Marx parecem reveladoras: “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o ser social que, inversamente, determina sua consciência” (2003, p. 5).

Como se tudo isso não fosse suficiente, a ação articulada de algoritmos e seres humanos também produz a morte, como ocorrido durante a pandemia de Covid-19. Vacinas que salvam vidas foram acusadas de serem venenos mortais e causadoras de sequelas irreparáveis. Sujeitos comuns caíram nessa cilada e passaram a integrar densas redes de desinformação acerca dos efeitos da vacina e dos procedimentos científicos para combater a doença e, assim, perdemos milhares de vidas que poderiam ter sido salvas. No percurso dessa tragédia, assistimos estarecidos e indignados à proliferação de discursos negacionistas que desacreditam a ciência. Estamos diante do retorno do irracionalismo e daquilo que Lukács (2020) chamou de *destruição da razão*, que ressurge, como nas primeiras décadas do século passado, em simbiose profunda com ideias fascistas.

A operação dessas estruturas algorítmicas ocorre intensamente nas plataformas digitais que podem ser definidas, em sua dimensão tecnológica, como suportes para infraestruturas de dados. Essa dimensão pode ser apreendida por meio da noção de dataficação, que se refere aos dados demográficos ou dados de perfil que são fornecidos pelos usuários, isto é, metadados comportamentais. Segundo Poell, Nieborg e Van Dijck (2020, p. 4), “essa coleta de dados comportamentais é proporcionada pela expansão de infraestruturas das plataformas na forma de aplicativos, *plugins*, rastreadores e sensores ativos e passivos encontrados em sua infraestrutura”.

As plataformas digitais não somente capturam, processam e gerenciam informações, mas também criam padrões de consumo e comportamento, através de interfaces, algoritmos e políticas de uso de dados. Nesse contexto, os algoritmos assumem papel central na gestão da atenção dos usuários *online*, ao serem empregados para captura, mobilização e direcionamento de suas percepções. Assim, a individualidade, a privacidade e a autonomia do usuário são drasticamente comprometidas por esses instrumentos de mediação informacional.

Apesar desse sombrio cenário, temos a convicção que ele pode ser superado. Mas essa superação exige, em primeiro lugar, que escapemos das armadilhas do fetichismo da tecnologia em geral e do fetichismo do algoritmo em particular. Em outras palavras, precisamos ter clareza que, se por um lado os algoritmos têm a capacidade de agenciar e de moldar nossos comportamentos, por outro lado eles são frutos da criação humana e, portanto, não são autônomos. Os algoritmos estão subordinados à contradição sociabilidade humana. E é justamente aí, no elemento humano, que se encontra o germe para superar os desafios do tempo presente. Para isso, é fundamental não inverter a relação sujeito-objeto. Não podemos confundir o criador e a criatura.

A superação desse cenário exige também que analisemos os vários aspectos que envolvem os algoritmos, seus múltiplos usos e aplicações, os diversos agentes que os criam e empregam, assim como os diferentes conflitos de interesses que aí residem. Em linhas gerais, esse é o propósito que une os autores e autoras que contribuíram para construção do dossiê ***O papel dos algoritmos e das plataformas digitais em contextos sociopolíticos***, que a *Liinc em Revista* acaba de publicar.

Os artigos presentes neste dossiê têm suas origens em pesquisas que problematizam, teórica e empiricamente, a dimensão algorítmica em cenários sociais platformizados, que podem ser políticos, comunicacionais, culturais ou econômicos, isto é, cenários sociais mediados por algoritmos. Os artigos do dossiê são:

- ***Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas*** discute como o racismo se manifesta no processo de elaboração de ferramentas tecnológicas mediadas por algoritmos.
- ***Hegemonia e engajamento em contexto de midiatização e platformização*** objetiva compreender as relações entre os conceitos de engajamento e hegemonia em contexto de midiatização e platformização.
- ***Inteligência Artificial, moderação de conteúdos no YouTube e a proteção de direitos: características, problemas e impactos políticos*** discute o papel de sistemas de inteligência artificial na moderação de conteúdos de usuários no YouTube, seus problemas e impactos políticos, especialmente no horizonte da proteção de direitos individuais.
- ***O uso de hashtags e a gestão algorítmica de dados no Instagram*** aborda o impacto da utilização de hashtags na rede social digital do Instagram.

- ***Democracia em vertigem: reflexões sobre os fluxos de atenção e ações coletivas para mudança social na internet*** problematiza como o cenário de plataformação e lógica algorítmica proporciona novos desafios sociopolíticos para a participação de ações coletivas.
- ***Enfrentamento a desinformação por meio dos algoritmos: um panorama internacional na literatura científica das possíveis respostas ao problema*** estuda como o aperfeiçoamento de algoritmos podem apresentar respostas a questões da sociedade contemporânea a respeito dos processos de desinformação
- ***Trabalho, emprego e renda na era da plataformação digital: o caso dos trabalhos de cuidado***, artigo que tece linhas preliminares acerca dos trabalhos de cuidado na era da “plataformação digital”.
- ***Dimensões subjetivas na Saúde Digital*** apresenta como as heterogêneas e contraditórias estruturas do capitalismo global vêm moldando de diferentes formas os significados sociais acerca da Saúde Digital.
- ***Populismo digital e autenticidade fabricada na campanha de Jair Bolsonaro no Instagram*** investiga a afirmação da autenticidade pelo compartilhamento do cotidiano no perfil do Instagram do candidato à Presidência da República Jair Bolsonaro e de alguns de seus apoiadores, nas eleições de 2018.
- ***Repensar a esfera pública política a partir das Câmaras de Eco: conceitos e questões metodológicas*** apresenta o conceito de “Câmara de Ecos” a partir de uma revisão de literatura, problematizando suas implicações metodológicas para estudos sobre esfera pública política em plataformas de redes sociais.
- ***Cidadania Digital e tecnologia em rede: entre comunicação, algoritmos e aplicativos cívicos***, a partir de uma revisão sistemática da literatura, confronta reflexões relacionadas à tecnologia de rede na contemporaneidade com aspectos relacionados à democracia, ao exercício da cidadania e à concentração de meios e fluxos unidirecionais de informação e comunicação.
- ***Discursos e redes anticorrupção no Twitter: “Bolsonaro incorruptível”*** explora conversações de usuários da rede Twitter acerca do tema anticorrupção, a partir da #bolsonaroincorruptível, hashtag
- ***O sujeito informacional e as redes sociais online: reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia de Covid-19*** apresenta pesquisa sobre as práticas informacionais em relação à pandemia, no âmbito das redes sociais online.
- ***Quem vai arquivar os conteúdos de redes sociais presidenciais no Brasil?*** versa sobre a utilização das plataformas de redes sociais online como estratégia de comunicação durante a administração presidencial.

- ***Desigualdades (online) como obstáculo à democracia digital: o caso do portal e-cidadania*** investiga o perfil dos usuários do portal e-Cidadania (Senado Federal) com o maior número de apoio em suas propostas legislativas.
- ***Informative architectures and citizen participation: a comparative study between the digital platforms Decidim and Rousseau*** aborda questão a partir de um estudo comparativo entre duas arquiteturas informativas digitais: a plataforma Rousseau do Movimento 5 Estrelas (originalmente em italiano “Movimento 5 Stelle”) da Itália, e a plataforma Decidim, desenvolvida após o movimento 15M na Espanha a partir de uma colaboração entre entidades de diversos países.
- ***Modulação além do controle: considerações sobre a amplificação nos processos informacionais*** discute as campanhas eleitorais ou a mobilização social levando em consideração o papel dos algoritmos e das plataformas digitais.
- ***Sobre a eficácia da CoronaVac no Twitter: conversações e aspectos políticos*** mapeia e discute as conversações em torno da eficácia do imunizante CoronaVac no site de rede social Twitter.
- ***As mentiras do eu: procedimentos, gêneros e atores do discurso desinformativo em primeira pessoa***, são analisados os discursos em primeira pessoa em mensagens de áudio com conteúdo desinformativo divulgadas via WhatsApp no Brasil.
- ***Contribuições metodológicas para a incorporação da perspectiva memética ao repertório da ciência da informação*** apresenta alternativas metodológicas para estudos empíricos visando a incorporação da perspectiva memética ao repertório epistemológico da Ciência da Informação.

A coordenação do dossiê agradece aos autores e autoras que tomaram parte nesse esforço coletivo, ao time de pareceristas que avaliaram os textos e às pessoas que compõem a equipe da ***Liinc em Revista***, sem as quais esse resultado não seria possível.

Desejamos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018.

GRAGNANI, Juliana. **Investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil**. BBC Brasil, 8 de dezembro de 2017.

LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism**. New York: New York University Press, 2018.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. v. 22, n. 1, 2020.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis: Vozes, 2021.